

Os processos referenciais à luz da teoria
da acessibilidade na edição crítico-genética
do conto ‘Os caminhos’ de Moreira Campos
*Referential processes in the light of accessibility theory
in the critical-genetic edition of the short story
‘Os caminhos’ by Moreira Campos*

Claudeirton Madeira Castelo*
Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

Luiz Eleildo Pereira Alves**
Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo: Neste trabalho, propomos uma interface teórica entre linguística textual e filologia textual nos termos do que já preconizaram Alves (2016, 2020) e Queiroz (2020). Nosso objetivo é investigar os processos referenciais, à luz da Teoria da Acessibilidade (Ariel, 2001), nos manuscritos de uma edição crítico-genética de Moreira Campos e suas implicações na construção de sentido do texto. Estes testemunhos são frutos do Acervo do Escritor Cearense da Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará, e chegaram a nós editados a partir da pesquisa desempenhada por Lima (2016). Analisamos as edições e realizamos recortes para demonstrar as ocorrências de saliência ou opacidade dos referentes no percurso criativo de Moreira Campos. Os resultados demonstraram que as supressões de expressões referenciais a cada reescrita, movimento próprio do processo criativo do autor, enriquece a dinâmica da textualização, uma vez que imprime ao texto um jogo de sentidos rico em possibilidades inferenciais. Essa análise fortalece o nosso argumento de que o texto é de fato um evento comunicativo multissemiótico, do qual o processo de materialização é apenas parte (Beaugrande, 1997).

Palavras-chave: Filologia Textual. Crítica Genética. Teoria da Acessibilidade dos referentes. Referenciação. Moreira Campos.

Abstract: In this work, we propose a theoretical interface between textual linguistics and textual philology in terms of what Alves (2016, 2020) and Queiroz (2020) have already advocated. Our objective is to investigate the referential processes, in the light of the Accessibility Theory (Ariel, 2001), in the manuscripts of a critical-genetic edition of Moreira Campos and its implications in the construction of meaning of the text. These testimonies are the result of a collection of the Cearense writer of the Human Science library of the Federal University of Ceará and came to us edited from a previous research carried out by Lima (2016). We analyzed the editions and made clippings to demonstrate the occurrences of salience or opacity of the referents in Moreira Campos' creative path. The results showed that the suppression of referential expressions at each rewrite, a typical

* Mestrando em Ciências da Educação pela Universidad del Sol (UNADES), pós-graduado (*Lato Sensu*) em Produção Textual pela Faculdade Única de Ipatinga. Professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil; deirton.mc@gmail.com

** Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, membro do Grupo de Estudo e Ensino de Texto (GEENTE), Fortaleza, CE, Brasil; eleildo@gmail.com

movement of the author's creative process, enriches the dynamics of textualization, since it brings to the text a game of meanings rich in inferential possibilities. This analysis strengthens our argument that the text is indeed a multisemiotic communicative event, of which the materialization process is only part of (Beaugrande, 1997).

Keywords: Textual Philology. Genetic criticism Accessibility Theory of Referents. Referencing Moreira Campos.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho alinha-se a estudos modernos do campo da filologia, sobretudo os que passaram a entender o texto sob a perspectiva sociocognitivista. Destacamos aqui a pesquisa de Alves (2016) e de Queiroz (2020), que propõem uma revisitação do conceito de filologia textual¹ na leitura de documentos antigos, mostrando como a filologia está, contemporaneamente, vívida e passível de interfaces teóricas com diversos outros campos do saber. Trilhar essas reflexões nos tem proporcionado entrever novos campos de investigação, como nos apontam Alves, Ximenes e Santos (2020).

O texto, como evento, converge a si aspectos linguísticos, sociais e cognitivos (Beaugrande, 1997), criando uma tessitura complexa (Alves, 2021), que necessita também ser mobilizada no processo de leitura. Dessa forma, na dinâmica da textualização, somos convocados a mobilizar os múltiplos fatores que emergem em nossa leitura.

O corpus deste trabalho advém da pesquisa elaborada por Lima (2016). Essa autora desenvolveu um trabalho com seis contos inéditos, dentre quatorze, de Moreira Campos que estavam no Acervo do Escritor Cearense (AEC) da Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará (UFC), fruto do projeto desenvolvido pela Profa. Dra. Maria Neuma Barreto Cavalcante, destinado ao concurso de professor visitante da UFC. Dentre as abordagens filológicas, Lima (2016) selecionou a crítica genética para elucidar o percurso criativo de Moreira Campos na reelaboração de sua obra literária.

Partindo dos frutos da pesquisa de Lima (2016), selecionamos um dos contos, intitulado 'Os caminhos', e procuramos, nele, investigar os processos referenciais à luz da teoria da acessibilidade (Ariel, 2001) e as implicações desses processos para a construção de sentido do texto.

Na seção seguinte, apresentamos uma trajetória dos estudos da filologia e dos estudos da linguística textual, a fim de contextualizar a interface teórica proposta neste trabalho. Em seguida, discutimos nosso trajeto metodológico, contextualizando o corpus da pesquisa, a fim de ensejar uma compreensão analítica do objeto eleito por este trabalho. Mais adiante, conheceremos as âncoras teóricas deste estudo, a partir das quais se seguirá a análise dos dados, tentando compreender, à luz da teoria da acessibilidade, como as expressões referenciais em testemunhos de um conto de Moreira Campos influenciam na construção de sentido do texto e evidenciam o estilo

¹ Em seu trabalho, Alves (2016) parte de uma amplificação da discussão já encetada por Teixeira (2008), destacando que, embora se use a mesma nomenclatura da autora, a proposta de filologia textual em Alves considera a dimensão epistemológica da sociocognição, na qual o 'texto' é entendido como *evento comunicativo*, como se entenderá melhor mais adiante.

de escrita do autor. Por fim, apresentamos as principais considerações oriundas de nossa análise e as possíveis inspirações acadêmicas desdobradas desta pesquisa.

2 SINGRANDO ENTRE AS LEGENDAS DA FILOLOGIA E DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Neste capítulo, propomos resgatar uma breve discussão acerca da compreensão dos estudos filológicos e da renovação (como a perspectiva interdisciplinar) por que passaram, o que aproxima filologia e linguística textual, defendendo o caráter multidisciplinar dessas duas ciências que possuem o texto como ponto convergente.

2.1 Filologia: a compartimentalização das substâncias e o desafio do conceito

A nossa constituição na e pela linguagem não é segredo, visto que, antes do *delírio do verbo* (uso do sentido figurativo dos signos/fazer poético), o Adão mítico já era responsável por nomear os seres e as coisas que, à sua volta, estavam. Dessa forma, não é diferente com o homem moderno, porque a ele é atribuída, indiretamente, a tarefa de nomear as coisas em geral, como uma necessidade de delimitar espaços, como Ximenes (2009) assevera acerca da querela entre filologia e linguística². Segundo o autor, nas palavras de Alves (2016, p. 27), esse feito é fruto da tendência do homem em compartimentalizar as coisas, mesmo que não haja clareza significativa suficiente. Parece que não nos desvencilhamos da herança adâmica, razão pela qual nos detemos, também, a uma breve incursão nas definições de Filologia.

Não há unanimidade a respeito dos conceitos pelos quais perpassam a filologia. Basseto (2001, p. 20 apud Ximenes, 2009, p. 34) ressalta que “o conceito de filologia não é unívoco; divergem muitos autores ao defini-la, ao determinar os limites de seu campo de atuação e até seu objeto de estudo.” Em contrapartida, Melo (1975 apud Ximenes, 2009) assevera que os métodos e o objeto dessa ciência são atestados.

A cizânia à definição da filologia é intrínseca a essa ciência desde sua gênese. De acordo com Cambraia (2005), desde a Grécia antiga, a polissemia do termo já a circundava. Sob esse contexto cizânico, existem diversas definições que podem ser consultadas³. Resta-nos aqui asseverar mais uma vez o caráter plurívoco da concepção filológica.

Embora sejam inúmeras as definições, é inegável que a filologia passa pelo amor pela palavra: uma palavra performatizada (Austin, 1962), não apenas materializada nos fólhos, mas que age no mundo sempre que lida, sempre que interpretada, sempre que permite ao pesquisador descobrir através dela um novo mundo antigo, mas que lança olhar para um futuro de descobertas.

De acordo com Alves (2016, p. 30), “pelo menos no Brasil, as pesquisas filológicas têm encontrado no viés interdisciplinar uma âncora para a retomada dos estudos na área da edição de manuscritos”. A afirmação do autor encontra âncora no

² Retomar a discussão acerca dos limites entre filologia e linguística não nos é oportuno, por ora, já que compreendemos que são ciências com epistemologias distintas, mas harmônicas, uma vez que um estudo filológico não é possível sem os recursos linguísticos. Se o leitor almeja se aprofundar nessa discussão, sugerimos ler Ximenes (2009).

³ Ver, por exemplo, as definições presentes em: Dubois et al. (2011, p. 258), Caetano Righi (1967, p. 13), Ximenes (2013, p. 178), Santiago-Almeida (2011, p. 2) Cambraia (2005, p. 18).

que dizem Teixeira, Queiroz e Santos (2006 apud Alves, 2016) na apresentação da obra ‘Diferentes perspectivas dos estudos filológicos’:

O presente volume é prova testemunhal e cabal de que [a Filologia] se encontra revigorada. Não poderia ser diferente. O tempo e o homem modificam-se, evoluem, adaptam-se às novas descobertas. Em um contexto pluri, multi, trans, interdisciplinar, os estudos filológicos também lançam outros olhares sobre o texto, ampliando o seu espectro de atuação, dialogando, pacífica e harmoniosamente com a literatura, a história, a linguística, a análise do discurso, as ciências do léxico e tantas outras ciências humanas (Teixeira; Queiroz; Santos, 2006, p. 13 apud Alves, 2016, p. 30).

Lançando esse olhar para as discussões sobre a filologia, sobre seu objeto de investigação e conseqüente definição, podemos perceber como os estudos filológicos resistiram aos anti-históricos e fulguraram a chama bruxuleante da epistemologia filológica. Entre pluri-, trans-, inter- ou multi-, a filologia encontrou a oportunidade de se renovar aos estudos modernos reclamados pela linguística e pela literatura.

Conforme já ressaltado, a filologia nunca deixou de existir, mas se renova no fundo dos arquivos, nos corroídos papéis. Esta observação já era cuidadosamente salientada por Alves, Ximenes e Santos (2016, p. 130), quando os autores sentiram a necessidade de reclamar aos estudos filológicos “a emergência de uma filologia moderna, presente em áreas diversificadas, não condensada apenas nos fólhos corroídos e empoeirados”.

Acreditamos que essa resistência dos estudos na área está atrelada diretamente ao seu objeto de estudo: o texto, aqui por nós entendido de forma mais alinhada à perspectiva sociocognitivista. Por isso, no que segue, detemo-nos a tratar de como a definição de texto como evento comunicativo pode contribuir para pensar o trabalho filológico.

2.2 A definição de texto para a linguística textual e suas contribuições para se pensar o trabalho filológico

Para os estudiosos da linguística textual (LT), é sabido, atualmente, que o texto não é um “artefato lógico do pensamento do autor” nem “decodificação das ideias” (Cavalcante, 2013, p. 18). Entretanto, essa concepção subjaz ao ponto de vista daqueles que concebem ainda o texto como produto acabado. Dessa forma, não nos é caro relembrar a célebre metáfora do *iceberg*. Nesse sentido, precisamos ratificar de uma vez por todas que ‘texto’ e ‘contexto’ caminham *pari passu* para a construção de sentido do evento comunicativo denominado ‘texto’.

Assim, a compreensão de texto adotada por nós relaciona-se com a concepção sociocognitivista da linguagem. É a partir da sociocognição que podemos compreender que o texto não é um produto acabado, mas um evento, visto que há uma imbricação de inúmeros elementos mobilizados (linguísticos e extralinguísticos) que o constituem.

Encaminhando-nos para o nosso propósito, é lícito ressaltar que não convém que a sociocognição tenha sua epistemologia reduzida “a uma simples justaposição entre social e cognitivo” (Marques, 2019, p. 26). Nessa direção, Demétrio (2018) adverte-nos quanto a esse simplismo epistêmico. Para a autora, conceber apenas essa adição entre social e cognitivo

[...] é uma forma bastante simplificada de conceituar a visão sociocognitivista de linguagem. Mais do que de soma, trata-se de fato de uma relação de mútua constitutividade entre o social e o cognitivo. Nossa própria cognição é um fenômeno que só se constitui socialmente; ela não é um aspecto puramente individual, uma vez que não vivemos isolados e encontramos-nos em interação desde o nascimento (...). Ao mesmo tempo, nossas práticas sociais, nosso modo de interagir com os outros e com a natureza, necessariamente mobilizam, desenvolvem e transformam nossa cognição (Demétrio, 2018, p. 21-22).

Diante dessas considerações, transpomos a concepção de que texto é um “artefato lógico do pensamento do autor” (Cavalcante, 2013, p. 18). Também superamos a apenas descrição dos fatores de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler (1981 apud Koch, 2017), para salientar, conforme a revisão feita por Beaugrande (1997), que o texto é um evento para o qual convergem ações linguísticas e extralinguísticas.

A definição proposta por Beaugrande (1997) e adotada pela LT nos estudos sociocognitivos da linguagem enlaça-se com a concepção de contexto adotado por Hanks (2008). De acordo com o autor,

Contexto é um conceito teórico, estritamente baseado nas relações. Não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para”. Como este conceito é tratado depende de como são construídos os outros elementos fundamentais, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais, dentre outros (Hanks, 2008, p. 174).

A assertiva de Hanks (2008) auxilia-nos na compreensão da leitura do texto, o qual, neste trabalho, é constituído por uma edição crítico-genética, uma vez que mobilizamos não só o contexto imediato, o que Hanks denomina de *emergência*, mas também o mediato, denominado de *incorporação*, compreendendo que esses dois processos funcionam simultaneamente. Depreendemos que Texto e contexto são constitutivos (Bentes; Rezende, 2008).

Adiante, seguimos afinando nossas discussões teóricas, a fim de balizar a análise deste trabalho. Tratamos, pois, do fenômeno da referenciação.

2.3 Referenciação: a fabricação das entidades discursivas no dizer sobre o mundo

Mondada e Dubois (2003, p. 20), contrariamente à crença da possibilidade de uma “cartografia perfeita entre as palavras e as coisas”, asseveram que as instabilidades das categorias são motivadas pelas práticas discursivas desempenhadas pelos sujeitos sociais. Por isso, mesmo que se distingam os objetos do discurso em sociais ou *naturais*⁴, eles podem sofrer uma *de categorização* motivada pela variação do contexto ou de um ponto de vista.

Estreitando a intermediação do sujeito social, ao responder a própria pergunta, Fauconier e Turner (2002 apud Marcuschi, 2007) afirmam que são nossos corpos e cérebros que trabalham para dar o status corpóreo à coisa, ou seja, como

⁴ É interessante observarmos o grifo de Mondada e Dubois (2003) para esses objetos tidos como *naturais*, porque nos parece que eles possuem um grau de instabilidade menor que os tidos como sociais, embora nenhum objeto esteja isento da instabilidade.

comprendermos que um objeto é denominado de ‘xícara de café’, não de ‘copo’, por exemplo. Diante disso, Marcuschi (2007, p. 83, grifo do autor) chega à consideração de que “*somos seres cognitivos em um sentido muito diverso do que os demais seres vivos os são.*”

Nesse sentido, a nossa cognição imbrica-se a dois *órgãos* do conhecimento, ou seja, a linguagem e a cultura, pois, de acordo com Tomasello (1999 apud Marcuschi, 2007, p. 83, grifo do autor), “*a cultura é nosso nicho ontogenético*, isto é, nela elaboramos nossa cognição e nos tornamos efetivamente seres sociais.” Abandonamos, portanto, a proposição de que somos fruto, somente, da genética, para deslindar que nossa gênese também é sociocultural, por isso, a língua não é o espelho do mundo, porque os objetos que dele fazem parte são construídos (socio)cognitivamente por sujeitos discursivos.

Para Marcuschi (2007, p. 86), comunicar as coisas aos outros foge do simplismo de uma elaboração formal de categorização linguística, para afirmar-se não só numa atuação discursiva sobre o mundo, como também numa inserção sociocognitiva “no mundo pelo uso de nossa imaginação em atividades de ‘integração conceitual.’” Desse modo, ainda de acordo com o autor, “o mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo construtivo e imaginativo e não de uma identificação de realidades discretas e formalmente determinadas” (Marcuschi, 2007, p. 86). Portanto, uma vez que não há uma relação biunívoca entre a língua(gem) e o mundo, dissolve-se a ideia de que a linguagem é representacionista. Entretanto, os sujeitos, enquanto mediadores sociais, (re)elaboram os objetos do discurso que estão à sua volta, utilizando-se da própria linguagem para representar o mundo comunicado.

A teoria da acessibilidade, que discutiremos a seguir, ilustra de forma mais funcionalista como as expressões referenciais são *guiadoras* de informação.

2.3.1 Teoria da acessibilidade: o envolvimento de múltiplos fatores

A teoria da acessibilidade, apresentada por Ariel (2001) e discutida, no Brasil, por Costa (2007a, 2007b), Parente (2016), Alves (2016), entre outros, fundamenta-se pela proposta desenvolvida nos estudos de referenciação, os quais, de acordo com Mondada e Dubois (2003) dissolvem a tese de uma relação estreita entre palavra e a coisa no mundo. Portanto, afastando-se da proposição de que a língua(gem) espelha essa materialidade (in)corpórea do mundo objetivo, as autoras advogam que os referentes, na verdade, são objetos de discurso, os quais são construídos “na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (Mondada; Dubois, 2003, p. 20). Isto posto, em razão de os objetos de discurso sofrerem instabilidade, o que já havíamos observado anteriormente, nas práticas discursivas, eles constituem a complexidade dos fatores de acessibilidade.

Em notas introdutórias, para Ariel (2001, p. 30), a teoria da acessibilidade “descreve como a linguagem humana, especificamente o sistema referencial, é responsiva/suscetível aos fatos sobre a memória humana, onde os nós da memória não são igualmente ativados a qualquer momento.” Diante dessa constatação da autora, observamos o caráter complexo envolvente aos processos referenciais, uma vez que os nós podem ser altamente ou meio ativados. Desse modo, destaca que “falantes podem se referir a partes de informações dadas (ex. familiares), independentemente do seu atual grau de ativação para os destinatários” (Ariel, 2001, p. 30).

Discutindo as propostas de Ariel (2001), Costa (2007b, p. 48) assevera que a teoria da acessibilidade tem por ideia central que “as formas referenciais constituem instruções ao destinatário de como este deve recuperar da memória certa parte de uma determinada informação, pela indicação de quão acessível está esse pedaço de informação no discurso corrente.”

Diante disso, a eleição da teoria da acessibilidade, dentre os estudos da referenciação, torna-se importante a nossa análise, uma vez que observaremos como os processos referenciais são desenvolvidos numa edição crítico-genética de Moreira Campos. Olhando para a criação do texto literário, compreendemos que os referentes podem se tornar opacos ou diáfanos a cada testemunho produzido pelo autor, ou o nosso afastamento do contexto imediato de produção que influenciará no grau de opacidade desse referente. Portanto, nosso olhar volta-se às (im)possibilidades de recuperação dos referentes na edição crítico-genética.

A teoria da acessibilidade, de acordo com Ariel (2001, p. 10), “argumenta que recuperações de contexto de informações da memória são guiadas por sinalizações ao destinatário do grau de acessibilidade com o qual a representação mental a ser recuperada é mantida.” Diante disso, depreendemos que não há uma orientação dada pelos falantes/escritores às recuperações dos destinatários, direcionando-os à correta origem *geográfica*. Melhor dizendo, nas palavras de Ariel (2001, p. 10), “as línguas não nos fornecem códigos convencionais especializados.” Esclarecendo o que Ariel atesta em relação às supostas convenções especializadas, seguem exemplos⁵:

- (1) Informações recuperáveis pelo nosso conhecimento enciclopédico⁶ geral:
Existiu uma entidade com o nome de Moreira Campos.
- (2) Informações extraídas do contexto físico imediatamente disponível:
Existe um livro entre nós.
- (3) Informações mencionadas previamente no discurso
Que o falante tem um escritor preferido.

Ariel (2001), considera que a mesma expressão referencial pode recuperar os três contextos geográficos. Assim sendo, o antropônimo *Moreira Campos*, por exemplo, pode retomar o contexto enciclopédico, o comunicacional e o linguístico. Nessa mesma direção, Alves (2016, p. 48) alega que “Ariel evidencia que a escolha das formas referenciais pelo falante/escritor é baseada no grau de acessibilidade que esse falante/escritor supõe apresentar o referente na mente de seu interlocutor.”

Sob essa ótica, de acordo com Alves (2016, p. 48),

ao conceber esses aspectos contextuais, Ariel postula que a escolha das formas referenciais não é determinada pelo lugar de onde vem a base informacional, mas pelo nível de saliência. Ao tomar como base esses pressupostos de acessibilidade, a autora contrapõe-se à segmentação dos usos de formas linguísticas em contextos discretizados, afirmando que as expressões referenciais podem recuperar referentes em todos esses contextos.

⁵ Diante da utilização dos exemplos por Costa (2007a) e retomados por Alves (2016), consideramos prudente modificá-los.

⁶ Koch e Elias (2015) conceituam os diferentes tipos de conhecimentos que podem ser mobilizados na compreensão leitora de um texto.

O exemplo apresentado a seguir ratifica a tese acerca de uma mesma forma referencial poder retomar os três contextos:


- a) Contexto do conhecimento enciclopédico:
Moreira Campos é o pai do conto cearense.
- b) Contexto de situação de fala (apontando para um livro, cujo autor é Moreira Campos):
Moreira Campos é o pai do conto cearense.
- c) Contexto linguístico:
Ao mencionarem *Moreira Campos* nas homenagens, diziam: “*Moreira Campos* é o pai do conto cearense”.

Diante do exemplo desenvolvido anteriormente, a especialização que é atribuída às expressões referenciais, como antropônimos serem responsáveis apenas por retomar contexto enciclopédico; pronomes demonstrativos, por recuperarem objetos em situação de uso; e pronomes pessoais, por retomarem contexto linguístico, é dissolvida pelo exemplo⁷ acima, reforçando

[...] a ideia de que a acessibilidade seria proveniente de mais de uma fonte só parece reforçar a tese que a autora [Ariel] sustenta: os referentes, como entidades discursivas, não têm ‘endereço fixo’ a determinar, de forma apriorística, a escolha das formas linguísticas para expressá-los (Costa, 2007a, p. 118).

Consoante Ariel (2001), em vez de especializar, as formas referenciais são reveladoras de um específico e diferente grau de acessibilidade. Nessa direção, propõe uma escala crescente do grau de acessibilidade fornecido pelos marcadores. Retomamos uma reorganização de Mourão (2021) dessa escala.

Quadro 1 - Graus de acessibilidade.

	Marcadores de Acessibilidade	Exemplos
 <p>BAIXA</p> <p>ALTA</p>	Nome pleno + modificador	<i>Jane Fonda, com 83 anos</i> , será homenageada no Globo de Ouro desse ano.
	Nome pleno	<i>Chris Pratt</i> é um ator talentoso e atuará em outros filmes americanos.
	Descrição definida longa	<i>O presidente da França</i> foi comparado a Trump em fala infeliz sobre vacina.
	Descrição definida curta	<i>O presidente</i> comparado a Trump.
	Último nome	<i>Merkel</i> não terá um quinto mandato.
	Primeiro nome	<i>Angélica</i> começou carreira na televisão aos 13 anos.
	Demonstrativo distante + SN	<i>Os meninos</i> nunca tiveram a intenção de dizer <i>aquilo</i> .
	Demonstrativo próximo + SN	<i>Esse</i> é o chocolate favorito da <i>minha amiga</i> .
	Demonstrativo distante - SN	Sabe <i>aquele</i> café da manhã maravilhoso de ontem?
	Demonstrativo próximo - SN	<i>Esse</i> é o melhor período do ano.
	Pronome tônico + gesto	<i>Elas</i> não são daqui. (coma <i>cabeça</i> indica a que grupo de meninas se refere)
	Pronome tônico	Gostaria de ir <i>contigo</i> ao shopping.
	Pronome átono	Abraça- <i>me</i> forte.
	Pronome clítico	Não <i>lhe</i> disse para não ir aí?
	Flexões de pessoa verbal	<i>Venden-se</i> muitos jornais nessa manhã de sábado.
	Zero	(<i>zero</i>) Não acredito em mais nada do que ele diz.

⁷ Costa (2007a), discutindo os exemplos apresentados por Ariel (2001), apresenta outros exemplos, como a recuperação de pronomes aos três contextos.

Fonte: Adaptado de Ariel (2001, p. 31) por Mourão (2020, p. 21).

Diante dessa escala, há três critérios que influenciam seu baixo ou alto grau de acessibilidade, ou seja, quando uma forma referencial é construída por ‘nome pleno + modificador’, compreende-se que estamos diante de um baixo grau de acessibilidade. Sendo o contrário, formas realizadas por ‘zero’, por exemplo, estamos diante de um alto grau de acessibilidade. Assim, a hierarquia dos referentes é marcada pela interação da:

Informatividade - que diz respeito ao nível de conteúdo expresso pela forma referencial com relação referente;

Rigidez - que diz respeito ao grau de unicidade com que o referente é determinado;

Atenuação - diz respeito à extensão formal da expressão referencial, no texto escrito (Alves, 2016, p. 50).

Considerando esses critérios, as formas com maior informatividade e maior rigidez (nome pleno + modificador) seriam usadas pelo falante/escritor ao julgar que o referente está menos acessível no evento comunicativo, enquanto formas com mais atenuação e menos informatividade (pronomes, flexões verbais e zero) seriam usadas se julgasse o referente mais acessível. Costa (2007a, p. 121) ressalta que:

fica clara a ideia de que os graus de acessibilidade *podem ser avaliados pelo falante* como relativamente mais altos ou mais baixos, mas não em correspondência biunívoca com as expressões referenciais. Essa “relativização” dos níveis de acessibilidade imprime ao modelo em questão uma maior flexibilidade: se, por um lado, fica clara a ideia de que as *expressões referenciais não são usadas aleatoriamente*, fica afastada também, por outro lado, a noção de que *há regras categóricas para a escolha dessas expressões* (grifo dos autores).

As considerações de Costa (2007) ratificam as observações já elaboradas por Ariel (2001) quanto à não aleatoriedade do uso das expressões, bem como a ausência de regras categóricas para escolhas delas.

Encaminhando-nos à complexidade dos fatores que envolve a teoria da acessibilidade, para Costa (2007a), é o envolvimento destes fatores na complexidade da teoria que se torna um ponto importante.

Quadro 2- Fatores que afetam o *status* de acessibilidade de um antecedente.

Distância	A distância entre um antecedente e a anáfora (relevante somente para menções subsequentes);
Competição	O número de competidores no papel do antecedente;
Saliência	O antecedente ser um referente saliente, principalmente se é tópico ou não-tópico;
Unidade	O antecedente estar ou não no mesmo frame/mundo/ponto de vista/segmento ou parágrafo que a anáfora.

Fonte: Adaptado de Ariel (1990, p. 28) por Arnold (1998, p. 25) apud Costa (2007a, p. 122).

Diante do exposto, Costa (2007a) qualifica as relações desenvolvidas pelos fatores referenciais acima em negativa e positiva. De acordo com a autora, quanto maior a distância e o número de expressões competidoras, usar-se-iam expressões de

baixo grau de acessibilidade, caracterizando, assim, uma relação negativa. Em contrapartida, haveria uma relação positiva se combinassem saliência e unidade, o que reclamaria o uso de expressões com alto grau de acessibilidade.

Embora Ariel (2001) ressalte que esses fatores não são exclusivos, ou seja, não esgotam o processo de seleção, para este trabalho, são eles que alicerçarão nossas análises. Desse modo, de acordo com Alves (2020), a seleção da teoria da acessibilidade justifica-se por acreditar que o processo de referenciação mostra-se com mais fluidez, aproximando-se com a proposição de Salomão (1999, p. 71 apud Alves, 2020, p. 104) que advoga “uma continuidade essencial entre linguagem, conhecimento e realidade.”

3 A ANÁLISE DOS PROCESSOS REFERENCIAIS NO CONTO ‘OS CAMINHOS’

A análise das possibilidades de recuperação dos referentes, à luz da teoria da acessibilidade (Ariel, 2001), em edição crítico-genética de Moreira Campos constitui o objetivo deste trabalho. O corpus desta pesquisa é constituído de oito (8) testemunhos de um conto inédito, de Moreira Campos, intitulado ‘Os Caminhos’, os quais compõem um corpus de seis (6) contos inéditos editados por Lima (2016) na sua tese de doutorado, cujo objetivo centra-se em compreender, a partir da crítica-genética, o processo criativo do autor.

A eleição do conto ‘Os caminhos’, dentre os seis que constituem o corpus de pesquisa de Lima (2016), para a análise deste trabalho deu-se em função de o conto conter o maior número de testemunho, isto é, oito (8) testemunhos. Assim, inferimos que essa quantidade nos levaria a uma diversidade de ocorrências referenciais a serem discutidas neste trabalho.

Amparando-nos em Lima (2016), o conto selecionado por nós tem a seguinte descrição:

A tradição de Os caminhos é formada por 8 testemunhos autógrafos, não datados, texto datilografado, o primeiro deles em folha medindo 20 cm x 14 cm e os demais em papel ofício 21,5 cm x 35,5 cm, folhas amareladas em decorrência da ação do tempo, e com intervenções datiloscritas e manuscritas. As intervenções manuscritas foram feitas em tinta azul ou a lápis. Embora não estejam datados, é notável o uso das regras do acordo ortográfico anterior ao de 1971, de modo que, possivelmente, esses contos foram escritos antes desse ano. Através do cotejo dos testemunhos, identificamos a ordem cronológica em que eles se encontram, usamos essa metodologia para ordenar os testemunhos de nosso corpus. Todos os testemunhos foram acondicionados em envelope de papel neutro e armazenados na caixa *Contos inacabados* (Lima, 2016, p. 66, grifo dos autores).

Nessa direção, nossa análise partiu da leitura dos testemunhos editados por Lima (2016), observando as rasuras elaboradas pelo autor no processo de criação e quais implicações essas rasuras nos forneciam para compreender os graus de opacidade dos referentes mencionados no desenvolvimento do texto. Logo depois, fizemos uma seleção de ocorrências únicas, a fim de não haver repetição, que nos permitissem discutir, sob os pressupostos apresentados por Ariel (2001), as possibilidades de se retomar ou não uma entidade discursiva.

Intentando a melhor compreensão leitora da análise desses dados, enquadrámos os recortes e destacamos as expressões referenciais que serão analisadas,

a fim de direcionar o leitor a nossas observações, o que não quer dizer que sejam ortodoxas, já que a leitura se constitui como um evento complexo. Desse modo, resolvemos organizar os quadros da seguinte maneira⁸:

- (1.0) [...] Um dia, apareceu Zuleica, também menina de programa. Foi por quem [ele] se encantou: o rosto sério, grave, um modelo de corpo.
- (1.1) [Era] <↑É> desquitado, sem filhos. Tinha os seus quebra-galhos, uma ou outra menina de programa, que levava ao motel no seu velho fusca. Tudo com parcimônia, dentro de suas possibilidades. Simples médico da assistência, com pequeno consultório [em rua anônima] <↑numa galeria>, para atendimento de clientes que [traziam]<↑trazem> a guia do Instituto, populares, gente do povo.

Além disso, recorremos a uma lista de operadores utilizados por Lima (2016), para que o leitor compreenda os símbolos que poderão aparecer nos trechos recortados para análise. São eles:

- < > acréscimo
- <↑> acréscimo na entrelinha superior
- <↓> acréscimo na entrelinha inferior
- <←> acréscimo na margem esquerda
- <→> acréscimo na margem direita
- <[]> acréscimo e posterior supressão
- [] supressão
- [] <↑> supressão por riscado ou datilografia de X seguida de acréscimo na entrelinha superior
- [] <↓> supressão por riscado ou datilografia de X seguida de acréscimo na entrelinha inferior
- [] / \ substituição por sobreposição, na relação [substituído] /substituto\
- [] < > substituição à frente
- Ω deslocamento (desdobra-se em Ω1 Ω2 para indicar a sequência do deslocamento)
- [il] palavra ilegível

(Lima, 2016, p. 65)

O processo de escrita de Moreira Campos, de acordo com Lima (2016, p. 71), era datilografado pelo autor “e ainda com o papel na máquina já iniciava as intervenções através de supressões de trechos repetidos ou informações desnecessárias e acréscimos que melhorassem a interpretação do texto.” Logo após as (re)leituras, o autor procurava reformular trechos não muito claros, a fim de não haver brumas na interação com seus leitores. Isto posto, partimos dessas reformulações para analisar os processos referenciais na narrativa de Moreira Campos.

O conto analisado é uma

narrativa desenvolvida nos 8 testemunhos de Os caminhos traz, em resumo, a história de uma mulher que chegou para trabalhar na casa de um homem cuja antiga empregada havia morrido. Logo no primeiro dia de trabalho, começa um romance entre o patrão e a moça e, com o passar do tempo, os dois formaram uma família. A diferença principal entre os enredos dos testemunhos está na mudança do papel desenvolvido pela moça. A personagem feminina, em alguns testemunhos, é uma garota de programa que foi contratada para trabalhar na casa e, em outros, é uma empregada que vem para cuidar do patrão. Nos 8 testemunhos dessa

⁸ O primeiro número indica a qual testemunho o excerto pertence; já o segundo número indica a sucessão de exemplos que foram coletados do mesmo testemunho.

narrativa, encontramos diferenças, que vão desde o enredo até o título (Lima, 2016, p. 143).

Dito isso, consideremos algumas expressões referenciais utilizadas pelo autor:

(1.0) [...] Um dia, apareceu Zuleica, também menina de programa. Foi por quem [ele] se encantou: o rosto sério, grave, um modelo de corpo.

Desconsiderando a introdução da entidade (que é tópica) na narrativa, poderíamos depreender que o uso do pronome seria justificado por haver concorrência entre as duas personagens, já que a narrativa se desenvolve na 3ª pessoa do discurso. Vejamos como essa entidade discursiva é introduzida no texto.

(1.1) [Era] <↑É> desquitado, sem filhos. Tinha os seus quebra-galhos, uma ou outra menina de programa, que levava ao motel no seu velho fusca. Tudo com parcimônia, dentro de suas possibilidades. Simples médico da assistência, com pequeno consultório [em rua anônima] <↑numa galeria>, para atendimento de clientes que [traziam]<↑trazem> a guia do Instituto, populares, gente do povo.

Embora o referente seja introduzido por grau zero (o que demarca alto grau de acessibilidade), vai sendo recategorizado com expressões referenciais de baixo grau de acessibilidade, mesmo que não tenha sido revelado por nome próprio. Diante da apresentação desta personagem, a qual constituirá a topicalização de todo o testemunho 1, ratificamos nossa inferência acerca da supressão ([]) do pronome pessoal realizada pelo autor. Seguindo o mesmo raciocínio, é o que ocorre em (3.0).

(3.0) [...] [<Ela>] [A] <A>cabou [de] <↑por >dormir, ali [nessa noite] <↑ali ao seu lado e> nas noites que se seguiram, marido e mulher, os dois travesseiros.

O acréscimo (< >) e, logo em seguida, a supressão [] realizados podem sinalizar a hesitação do escritor diante da necessidade do uso do pronome pessoal para demarcar a qual entidade discursiva a anáfora em zero se refere. Entretanto, como já asseveramos há pouco, a expressão referencial em zero não fomenta uma competição, em virtude da (sub)topicalização⁹ (tópico local, Ariel, 2001) do evento narrado.

Os exemplos (1.0) e (3.0) guiam-nos a algumas considerações já salientadas por Ariel (2001), apresentadas aqui. De acordo com a autora, não há uma condução dos escritores/falantes aos destinatários a uma exata origem geográfica. Certamente, o escritor não nos guia a uma exata origem, no entanto, considerando que trabalhamos com manuscritos, isto é, um dizer planejado, ousaríamos afirmar que as expressões utilizadas por ele podem ser *mais orientadas*.

Embora estejamos lidando com um dizer planejado, não significa que o autor não permita passar algumas concorrências. Por exemplo (1.1):

(1.1) [Era] <↑É> desquitado, sem filhos. Tinha os seus quebra-galhos, uma ou outra menina de programa, que levava ao motel no seu velho fusca. **Tudo com parcimônia**, dentro de suas possibilidades. **Simples médico da assistência**, com pequeno consultório [em rua anônima] <↑numa galeria>, para atendimento de clientes que [traziam]<↑trazem> a guia do Instituto, populares, gente do povo.

⁹ Chamamos de (sub)topicalização por partir do princípio de que o gênero conto, de acordo com Terra (2014), centra-se em três pilares, a saber, evento, personagem e espaço. Isto posto, conforme nossa leitura, percebemos que, dentro de um evento principal, eventos secundários são desenvolvidos na narrativa, o que fomenta topicalizações secundárias ([sub]topicalização).

Retomando (1.1), deparamo-nos com uma possível competição, a qual pode ser motivada por inferência (Marcuschi, 2007). Dizemos o mundo a partir de nossas vivências culturais, já que a cultura é nosso nicho, e nossa cognição também é formada nesse nicho. De maneira semelhante, as leituras que fazemos do mundo também são fabricadas (Blinkstein, 2003) pela realidade de que fazemos parte. Assim sendo, a expressão ‘tudo com parcimônia’, em tese, conduzir-nos-ia a duas entidades, são elas: a) *a disposição física da personagem* ou b) *o poder aquisitivo da personagem*.

Em (a), poderia ser justificada pela idade do médico, o que já não o permitiria uma mobilidade física intensa, demandada por seus encontros casuais.

(1.2) **O velho[s]** (que não é velho) parece-lhe, a ele médico, mais senhor de si, desembaraçado e até com fumaças de [boas relações] bons negócios no seu ramo.

Em (1.2) podemos ratificar a idade do médico pela expressão apositiva ao referenciá-lo, já que a substantivação de ‘velho’ poderia apontar para o pai da sua pretendente ou para si. Diante dessa competição fomentada pelo pronome ‘lhe’, o escritor recorre à expressão apositiva. Nos testemunhos será comum o uso de apostos para solucionar as competições.

Em (b), embora a personagem fosse médica, parece-nos que à época a medicina ainda não era um curso que desse um grande retorno financeiro, como atualmente. Em tese, não é que o médico fosse miserável (sentido literal), mas também não esbanjava luxo, como podemos ver em (1.1.1):

(1.1.1) [...] **Simple médico da assistência, com pequeno consultório** [em rua anônima] <↑numa galeria>, para atendimento de clientes que [traziam]<↑trazem> a guia do Instituto, populares, gente do povo.

Diante das considerações que fizemos, advogamos que adotar a tese, considerando a interpretação feita em (a) ou (b), seria possível que o leitor optasse por qualquer uma das duas, o que seria, em princípio, justificado de acordo com a complexidade da subjetividade de leitura do destinatário. Entretanto, parece-nos que (b) torna-se mais plausível quando recorremos às expressões em destaque no item (1.1.1).

As nossas inferências comungam com Hanks (2008, p. 123), para o qual o papel do contexto “é central na definição do texto como um objeto completo, interpretativamente coerente”, quando mobilizamos nosso conhecimento enciclopédico, a fim de comparar historicamente como o curso de medicina tornou-se um forte produto na sociedade neoliberal, sobretudo, brasileira.

Seguindo nossa análise acerca das manifestações referenciais, no que concerne aos fatores envolventes à Teoria da Acessibilidade, Costa (2007a), como já mencionado aqui, qualifica duas relações desenvolvidas pelos quatro fatores. Para a autora, distância e competição representam uma relação negativa com o nível de acessibilidade; enquanto saliência e unidade, uma relação positiva. Entretanto, Ariel (2001) salienta que a topicalização do referente no texto, como se ele estivesse em letras garrafais, é uma forma de dissolver a relação negativa de distância, como veremos em (1.3).

(1.3) [...] Mas o fato é que o tempo voa, passa rápido. Estão ali na sala de casa, diante da televisão, **ele**, Zuleica e o filho, um rapazinho já.

Em (1.3), temos as últimas linhas do testemunho, em que nos atentemos para o uso da expressão referencial pronominal (‘ele’). Já salientamos anteriormente, em nota

de rodapé 6, que o texto literário tem por um dos pilares os eventos sucedidos na narrativa, como também as personagens. Nessa direção, com o testemunho 1 não é diferente. O enredo deste testemunho tem por tópico central a vida do médico, assim, essa entidade discursiva está sempre saliente no texto, mesmo que eventos e outras personagens surjam e constituam o tópico local (Ariel, 2001). Por isso que, imediatamente, somos conduzidos à entidade discursiva do médico, e não a outro personagem.

Sob essa óptica, Ariel (2001, p. 34) assevera que:

Quanto mais menções anteriores têm um antecedente, maior a sua acessibilidade. Ainda assim, os tópicos discursivos podem ser geralmente referidos por marcadores de alta acessibilidade, apesar de uma quantidade baixa de menções anteriores. Talvez isso se deva ao fato de que algumas entidades, tópicos discursivos mais que outros, são inferidas como estando presentes, mesmo quando a menção explícita está ausente.

No testemunho 2, de ‘Os Caminhos’, em virtude da personagem principal, o médico, tornar-se o narrador do texto, ocorrências de competição ou opacidade de referentes foram resolvidas com a narração em 1ª pessoa. Como em (1.2) que possuíamos competição entre duas entidades discursivas, fora resolvida em (2.0) com a mudança da pessoa do discurso.

(1.2) **O velho[s]** (que não é velho) parece-**lhe**, a **ele médico**, mais senhor de si, desembaraçado e até com fumaças de [boas relações] bons negócios no seu ramo.

(2.0) **O velho** <↑que não é velho>, pareceu-**me** mais seguro de si, com fumaças de bons negócios no seu ramo, os conhe[cimentos] <↑cidos> que tem [com pessoas de destaque] <↑de certo destaque>.

Em (1.2), o texto era narrado em 3ª pessoa, assim, diante de duas personagens masculinas e de semelhante idade, fomentava a competição entre as duas entidades discursivas. Uma vez que, em (2.0), a personagem principal torna-se o narrador da história, a competição é resolvida. Analisemos (4.0), a fim de confirmarmos o que observamos quanto à competição entre as entidades discursivas.

(4.0) Ele conhecia **o velho de rua, corretor de imóveis**, com a sua pesada pasta, sempre apressado. **Este** esteve em seu consultório.

Em mais uma ocorrência, estamos diante do confronto entre os fatores distância e competição. De acordo com Ariel (2001), a soma desses fatores resulta no acréscimo ou decréscimo do grau de acessibilidade. Intentando não haver incompreensão diante da competição entre os dois referentes, o escritor introduz a segunda entidade (‘velho de rua’), utilizando-se de expressões mais informativas e mais rígidas (Nome completo + modificador [‘o velho de rua’], [‘corretor de imóveis’]). Logo depois, utiliza-se de pronome demonstrativo (‘este’) para demarcar que a entidade referida é a segunda, não a primeira.

Ariel chama atenção para o fator distância, a qual “não é necessariamente mensurada por palavras” (Ariel, 2001, p. 30). Diante de (4.0) fica claro que a distância entre a anáfora e o referente é irrisória, o que levaria, em princípio, o autor a utilizar-se de uma expressão mais atenuada e menos informativa. Entretanto, diante da potencialidade dos dois referentes, o que implica um baixo grau, o autor faz-se do

pronome demonstrativo, o que para a autora caracteriza um grau de acessibilidade mais baixo do que os pessoais, como podemos constatar em (5.0).

(5.0) [...] Eu **a** comia no seu quarto, às vezes em pleno dia, em pé ou dentro d[e]/a\ [sua] rede, atento ao arrastar de chinelas de minha mãe, já velha, amparando-se às paredes.

O nível de saliência do referente é alto, visto que essa entidade constitui o tópico global, o que favorece ao escritor o uso de uma expressão menos informativa, menos rígida e mais atenuada, o que corrobora um alto grau de acessibilidade.

Retomando a (4.0) e (4.1), a fim de demarcar as anáforas aos seus respectivos referentes *adequados*, o autor dá sequência à narrativa utilizando-se de expressões mais informativas, mais rígidas e menos atenuadas. Vejamos em (4.1):

(4.1) **O corretor** <X> olhava-o [muito], meio surpreso. **O médico** falou-lhe com palavras escolhidas bem ajustadas.

Considerando (4.1), seguimos dando ênfase às concorrências diante de duas entidades masculinas e maduras, o escritor depara-se com a possibilidade de o destinatário não acessar o referente exato a que ele se refere, o que pode causar incompreensão diante da leitura. Como já salientamos, a crítica genética orienta-nos a discorrer acerca de expressões mais orientadas, em função de lidarmos com o dizer planejado do escritor, não textos ordinários, os quais demandam improvisação no discurso, uma vez que não conseguimos prever as atitudes responsivas dos destinatários.

Marchuschi (2008, p. 40, grifo do autor) defende a necessidade de haver explicitude no uso da língua, o que não quer dizer que “explicitar seria *dizer tudo* ou *dizer univocamente*, mas sim dizer de forma interpretável a partir das condições presentes (ou inferíveis) no universo discursivo em andamento.” Desse modo, nossas inferências são justificadas, em razão de o escritor planejar seu dizer, atentando-se as possibilidades de interpretação dos destinatários.

Sob esse contexto, analisemos (2.1).

(2.1) [...] Mas ainda tínhamos as **nossas cautelas**. Uma refeição em restaurante perto, um domingo em praia mais distante, o cinema do bairro.

Atentando-se à expressão destacada, o narrador transfere a preocupação, chamada de cautela, de não ser notado por conviver com uma ex-prostituta. Aparentemente, a preocupação parte dele, mas a transfere para a sua esposa. Podemos constatar, em tese, com o (2.2).

(2.2) [...] Sei que [< ↓ ainda>] **persistem comentários**<,>< [↑ embora Ω1 raros]> [(Zuleica veste-se bem)] olhares curiosos <↑(Ω2 raros)>, que **eu traduzo** mais ou menos assim: “Este é **doutor Eurico**, ela a **moça de programa** que ele trouxe para casa”.

Seguindo nossas observações, destacamos que Marcuschi (2007, p. 40) advoga que “nossas representações são projeções de um mundo elaborado mentalmente na base de experiências.” Assim sendo, a utilização da expressão ‘cautela’ (2.1) por parte do narrador revela as projeções, ratificadas em (2.2), de um homem mais velho casado com uma mulher mais nova e ex-garota de programa.

No testemunho 6, expressão já apresentada em (5.0), o escritor utiliza-se de uma expressão grotesca que revela o ponto de vista do narrador-personagem em

relação à própria companheira, para depois recorrer à polidez no testemunho 7. Vejamos em (6.0):

(6.0) [...] **A primeira vez que a comi** <,> <↑e foi logo de começo,> foi logo ali na cozinha, em pé, minha mãe lá para os fundos de casa

Os trechos destacados foram selecionados por nós, em razão de pontuarmos particularidades ocorridas no percurso criativo de Moreira Campos. A seguir, fazemos algumas considerações gerais acerca de nossas observações sobre o planejamento de dizer do conto inédito eleito por nós.

3.1 Os pontos em comum no percurso criativo de Moreira Campos

Durante nossa análise, percepções acerca do estilo de escrita de Moreira Campos foram chamando nossa atenção. Como já salientado, o conto narra a história de um homem mais velho que se envolve com uma mulher mais nova. Dentre inúmeras transformações por que perpassa a narrativa, desde mudança da pessoa do discurso, título e enredo, somos convidados a refletir sobre o caminhar das edificações destas histórias (plural mesmo, porque cada testemunho possui sua singularidade).

De modo primeiro, as entidades discursivas que são ‘tópico global’ (Ariel, 2001), como Zuleica ou o Médico (protagonistas), na narrativa, são introduzidas, na maioria das vezes, por anáfora zero. Nessa direção, o autor rompe com as teses voltadas para expressões indiciais, como nomes completos e pronomes indefinidos. Moreira Campos não dá nome ao médico, exceto no testemunho 2, como também só nomeia a protagonista feminina nos testemunhos de 1 a 4, apagando o nome da personagem nos testemunhos subsequentes.

A respeito da onomástica, cabe-nos uma singela observação no que concerne à falta de nome das personagens. O enredo desenvolvido pelos protagonistas pode ser representado (sem cair no simplismo) nos seguintes enquadramentos:

Quadro 3 – Expressões referenciais no enredo.

Homem mais velho	Mulher mais nova
Médico	Ex-garota de programa
Patrão	Empregada (ex-garota de programa)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante disso, o arquétipo desenvolvido no conto de Moreira Campos poderia solicitar ao escritor apenas uma correlação paradigmática, ou seja, fazendo-o substituir um antropônimo por outro, o que não implicaria, a nosso ver, prejuízo de sentido, porque o apagamento desses nomes pode encapsular outros tantos que vivenciam história semelhante.

Outra interessante observação a ser feita diz respeito à resolução a que o escritor recorre para abrandar a potencialidade de competição entre os referentes. Moreira Campos utiliza-se ora de expressões apositivas (mais informativas, mais rígidas e menos atenuadas) para solucionar as competições que há entre as entidades discursivas, ora de pronomes demonstrativos (possuem grau de acessibilidade mais baixo que os clíticos), revelando uma suposta saliência do referente. Em tese, a potencialidade dos antecedentes é fomentada por uma mútua contribuição entre o mesmo gênero gramatical dos protagonistas e coadjuvantes e pela narrativa em 3ª pessoa (exclusiva do testemunho 1).

A alteração do foco narrativo do conto pareceu-nos que tanto o testemunho 2 (exclusivamente narrado em 1ª pessoa do discurso) como outras passagens em 1ª pessoa dos demais testemunhos solucionam as competições existentes e não fomentam opacidade dos referentes. Entretanto, o estilo conciso de Moreira Campos fomenta a opacidade do referente percebido nas supressões recorrentes no percurso de escrita. Vale pontuar que esse jogo de linguagem no texto literário, onde o escrever menos é falar mais, não é benéfico com os propósitos de dizer, por exemplo, de uma redação de concurso, do texto jurídico, os quais prezam para a não existência de opacidade.

O alinhamento entre crítica genética e teoria da acessibilidade (processos referenciais) ocorre justamente pela necessidade de suprimir ou acrescentar informações às entidades de discurso no desenvolvimento do texto. Do ponto de vista da crítica genética, compreendemos que a decisão de suprimir os textos decorre do próprio desafio que o autor atribui a si ao fazer uma narrativa concisa, porque tanto a crítica quanto o autor dividem a obra literária em um período de longas narrativas e um período de curtas narrativas (como o conto que analisamos nesta pesquisa). A teoria da acessibilidade, por sua vez, direciona-nos ao desafio de inferir que a opacidade desse referente serve, na verdade, ao estilo de escrita do autor, contextualização necessária para a compreensão do texto. Portanto, Moreira Campos escreve menos para dizer mais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tecemos mais uma costura amigável entre filologia textual e as investigações na área da referenciação, seguindo o que propôs Alves (2016). Acreditamos que a discussão aqui apresentada colabora para os estudos da área, sobretudo quanto ao alargamento das possibilidades de investigação a partir de corpus de outras pesquisas disponibilizados por investigadores(as) como Lima (2016).

Esse fazer não apenas lança luz, sobre a análise documental, sobre o fazer filológico, mas nos permite trabalhar no campo científico de forma integrada, conhecendo pesquisas anteriores e valendo-nos delas, dando outros prosseguimentos, desbravando outros caminhos. Percebemos em nossas análises que Moreira possui um estilo conciso de escrita, e esta concisão contribui muito para as competições entre os referentes. Assim, o autor recorre às supressões, quando julgadas desnecessárias as expressões mais informativas. Além disso, o percurso narrativo do conto em análise centra-se, geralmente, entre duas personagens de mesmo gênero gramatical. Campos recorre às expressões apositivas para direcionar a anáfora ao seu antecedente adequado. Ariel (2001) salienta acerca da não condução à correta origem *geográfica* cuja tese corroboramos, entretanto, a partir do nosso processo de leitura, inferimos que, ao se trabalhar com um dizer planejado, permite-se, ousadamente, considerar que o autor se utiliza de expressões “mais orientadas”.

Em linhas gerais, observamos que a mudança de pessoa do discurso na narrativa pode acarretar competição entre os referentes ou solucioná-la. Neste sentido, pareceu-nos que tanto o testemunho 2, que exclusivamente é narrado em 1ª pessoa do discurso, como outras passagens em 1ª pessoa dos demais testemunhos, solucionam as competições existentes e não fomentam opacidade dos referentes, o que enfatizaria a tese de que não há uma fórmula dos fatores de acessibilidade, porque a própria teoria alicerça-se na complexidade.

Finalizando nosso dizer, mas não o esgotando, reafirmamos a ideia de que o texto é um evento comunicativo complexo, dinâmico e que possibilita diferentes construções de sentido a partir de suas tramas.

REFERÊNCIAS

- Alves LEP. Filologia textual e linguística textual: estudo de textos setecentistas à luz da teoria da acessibilidade [dissertação]. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará; 2016.
- Alves LEP. A teoria da acessibilidade e suas implicações para a leitura do texto antigo. *Revista Diálogos*. 2020, abr./ago.;8(8):98-119.
- Alves LEP. Linguagem, complexidade e formação de professores de língua materna: a constituição de comunidades de aprendizagem nas vivências de metatextos situados a partir de metodologias focadas na pesquisa [tese]. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará; 2021.
- Alves LEP, Ximenes EE, Santos HLG. Para além das traças: desdobramentos contemporâneos das pesquisas filológicas. *Revista Philologus*. 2016, maio/ago.;22(65):121-132.
- Ariel M. Accessibility theory: an overview. In: Sanders T, Schilperoord J, Spooren W, editores. *Text representation: linguistics and psycholinguistics aspects*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 2001. p. 29-89.
- Austin J. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon; 1962.
- Beaugrande RD. *New foundations for a science of text and discourse. Freedom of access to knowledge and society through discourse*. Norwood: Ablex; 1997.
- Bentes AC, Rezende RC. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: Signorini I, organizadora. *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial; 2008. p. 19-46.
- Blikstein I. *Kaspar Hause, ou a fabricação da realidade*. 9.^a ed. São Paulo: Cultrix; 2003.
- Cambraia CN. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
- Cavalcante MM. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto; 2013.
- Costa MHA. *Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão [tese]*. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará; 2007a.
- Costa MHA. Ariel e a noção de acessibilidade referencial: ampliando os limites do discurso. In: Cavalcante MM, et al. *Texto e discurso sob múltiplos olhares: referência e outros domínios discursivos*. Vol 2. Rio de Janeiro: Lucerna; 2007b. p. 40-73.
- Demétrio AKB. Aspectos epistemológicos da sociocognição no discurso reflexivo de Clarice Lispector sobre o dizer: o malogro da voz e o esplendor de ter uma linguagem [tese]. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará; 2018.
- Dubois J, et al. *Dicionário de linguística*. 17.^aed. São Paulo: Cultrix; 2011.
- Hanks WF. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez; 2008.
- Koch IGV. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2.^a ed. São Paulo: Contexto; 2017.
- Koch IGV, Elias VM. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3.^a ed. São Paulo: Contexto; 2015.
- Lima ESA. *Nas sendas da criação literária de Moreira Campos: edição genética e estudo crítico-filológico de contos inéditos do autor [tese]*. Salvador: Centro de Humanidades, Universidade Federal da Bahia; 2016.
- Marcuschi LA. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna; 2007.
- Marques DT. *Referência e ensino: uma análise sociocognitivista da (re)construção do ponto de vista [dissertação]*. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará; 2019.

- Mondada L, Dubois D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Cavalcante MM, tradutora. In: Cavalcante MC, Rodrigues BB, Ciulla A, organizadoras. Referenciação. São Paulo: Contexto; 2003. p. 17-52.
- Mourão MG. O uso da referenciação no aperfeiçoamento da reescrita de textos acadêmicos em inglês [monografia]. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará; 2020.
- Oliveira FPL, Costa MHA. A recategorização como processo de construção de objetos de discursos: quando grafitar é transformar a realidade. *Entrepalavras*. 2018;8(2):137-155.
- Parente IC. Teoria da acessibilidade e processos referenciais [dissertação]. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará; 2016.
- Queiroz AA. Filologia e linguística textual em diálogo: revisitando um conflito administrativo do Ceará Colonial a partir da recategorização identitária dos participantes do evento [tese]. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará; 2020.
- Righi C. História de la filologia clásica. Barcelona: Editorial Labor; 1967.
- Salomão MMM. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*. 1999;3(1):61-79.
- Santiago-Almeida MM. Para que filologia/crítica textual? *Acta Semiótica*. 2011;1:1-12.
- Ximenes EE. Estudo filológico e linguístico das unidades fraseológicas jurídico-criminal da Capitania do Ceará nos séculos XVIII e XIX [tese]. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará; 2009.
- Ximenes EE. Fraseologias jurídicas: estudos filológico e linguístico do período colonial. Curitiba: Appris; 2013.